

Adaptação do *Self-Perception Profile for Children* (SPPC) de Harter a crianças e pré-adolescentes

Luísa Faria  
Anne-Marie Fontaine

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Resumo. – Este estudo apresenta a adaptação a crianças e pré-adolescentes portugueses de um instrumento de avaliação multidimensional do conceito de si próprio construído por Harter (1985; 1979), para crianças e pré-adolescentes (3<sup>o</sup> ao 7<sup>o</sup> ano de escolaridade), abrangendo seis domínios do autoconceito – competência e adequação percebidas –, a saber: *competência escolar, aceitação social, competência atlética, aparência física, conduta/comportamento e auto-estima global*. A versão portuguesa apresenta valores de consistência interna, avaliados através do *alpha* de Cronbach, inferiores aos da escala original, reflectindo a instabilidade das várias dimensões nesta idade. Os resultados da análise factorial e dos estudos de correlação entre as diferentes dimensões evidenciam a baixa diferenciação das várias facetas do autoconceito nas crianças e pré-adolescentes. Estudos diferenciais demonstram que as raparigas se percebem como mais bem-comportadas do que os rapazes e estes como mais competentes no domínio atlético, e que os sujeitos do 5<sup>o</sup> ano se percebem como mais competentes em cinco domínios do autoconceito do que os sujeitos do 7<sup>o</sup> ano, o que apoia a validade de constructo da escala.

O crescente interesse pelo estudo do *self* nos últimos vinte anos, conduziu ao aparecimento de numerosos estudos centrados em constructos afins, como por exemplo a auto-estima, a auto-avaliação, a auto-imagem, o auto-controlo, a competência percebida, etc. (Harter, 1985; 1984; 1983; 1982). O aumento dos estudos neste domínio foi também acompanhado por tentativas de promoção do autoconceito e auto-estima em contextos clínicos e educativos (Harter, 1985; 1982). Contudo, no domínio da avaliação dos constructos relacionados com o *self*, subsistem problemas que dizem respeito à dificuldade em adoptar definições operacionais unívocas do conceito e da estima de si próprio. Apesar da maioria dos autores reconhecerem o carácter multidimensional do conceito de si próprio, não há convergência na detenninação das suas diferentes dimensões (Harter, 1988; 1984; Marsh, 1989; 1986; Piers e Harris, 1964; Shavelson, Hubner e Stanton, 1976). Alguns dos instrumentos de avaliação, com vista a captar a heterogeneidade do conceito de si próprio, incluem itens relacionados com diferentes áreas como, por exemplo, a cognitiva, a física, a social, a moral, a emocional, etc. (Coopersmith, 1967; Piers e Harris, 1967; Marsh, 1989; 1988; 1984). No entanto, alguns deles, exceptuando por exemplo o *Self Description Questionnaire* de Marsh e o *Self-Perception Profile* de Harter, nas suas diferentes formas (Faria e Fontaine, 1993; 1990; Fontaine, 1991; Harter, 1988; 1985; 1979; Marsh, 1988; Marsh e O'Niell, 1984; Messer e Harter, 1986; Neemann e Harter, 1986), conceptualizam o con-

ceito de si próprio como um constructo global, ao aceitar como indicador deste o simples somatório dos conceitos de si próprio nas várias áreas da existência avaliadas (Harter, 1985; 1982).

Outros autores, como Marsh e Harter, construíram instrumentos de avaliação capazes de captar a complexidade e a multidimensionalidade do autoconceito, cujo objectivo explícito é avaliar as suas diferentes dimensões, tendo em conta que os sujeitos podem perceber-se de forma diferente em diferentes domínios da sua existência e fazer uma avaliação global de si próprios, dependente duma síntese pessoal das avaliações das suas experiências anteriores nos diferentes domínios. O estudo que a seguir apresentamos tem como objectivo adaptar à população Portuguesa um desses instrumentos, construído por Harter (1985; 1979) para crianças e pré-adolescentes.

### 1. O Self-Perception Profile for Children (SPPC).

O SPPC de Harter (1985, 1979) foi construído com os seguintes objectivos: 1) fornecer um perfil do autoconceito de crianças nos domínios cognitivo, físico, social e comportamental; 2) explorar a dimensão de auto-estima global na criança; 3) provar, através de estudos factoriais, a relevância psicológica das dimensões estudadas, e 4) minimizar a influência do viés da desejabilidade social nas respostas aos itens, evidenciado noutros instrumentos (Harter, 1982).

#### 1.1. Racional do instrumento.

O modelo subjacente à construção de um instrumento para avaliar uma das dimensões do *self*, isto é, o autoconceito ou percepção de si próprio – competência e adequação percebidas –, considera que as crianças não se percebem de forma igualmente competente e adequada em vários domínios (Harter, 1985; 1982). Esses domínios foram estabelecidos por Harter a partir de instrumentos já existentes, de observações e de entrevistas de crianças na escola primária (Harter, 1982; 1979). Deste modo, inicialmente foram estabelecidos três domínios que posteriormente foram alargados para cinco, a saber 1) *competência escolar*, inicialmente designada de competência cognitiva; 2) *aceitação social pelos pares*, anteriormente designada de competência social; 3) *competência atlética*, inicialmente designada de competência física; 4) *aparência física*, domínio que surge pela primeira vez na versão de 1985, e 5) *conduta/comportamento*, que constitui o segundo domínio novo.

Para além da aceitação do facto de as crianças serem capazes de distinguir o conceito de si próprias nos diferentes domínios referidos, considera-se que são capazes de evidenciar uma avaliação global do seu grau de satisfação em relação a si próprias, que está para além das auto-avaliações específicas nos diferentes domínios. Esta estimativa global de si próprio, que segundo Harter (1985, 1984, 1982) é já possível na criança a partir dos oito anos de idade, não resulta do somatório das diferentes dimensões específicas, sendo avaliada a partir de um conjunto de itens autónomos, constituindo-se assim co-

mo um constructo de primeira ordem (estima global de si próprio), em oposição às dimensões específicas do *self*, que seriam constructos de segunda ordem (Harter, 1985; 1982). Deste modo, a estimativa global de si próprio constitui outra dimensão a avaliar.

#### 1.2. Descrição do instrumento.

Engloba seis dimensões que se constituem em seis escalas com seis itens cada uma, num total de 36. As subescalas designam-se por: 1) *competência escolar*, que avalia a percepção de competência ou capacidade no domínio da realização escolar; 2) *aceitação social*, que avalia o grau de aceitação da criança pelos pares ou o grau em que ela se sente popular; 3) *competência atlética*, que avalia a percepção de competência ou capacidade em jogos e desportos; 4) *aparência física*, que avalia o grau de satisfação da criança com o seu aspecto físico e a sua aparência (esta dimensão apresenta-se mais relevante no fim da escola primária); 5) *conduta/comportamento*, que avalia o grau em que a criança gosta do seu comportamento, em que acha que age de forma adequada e correcta evitando meter-se em problemas. Esta dimensão foi acrescentada devido ao interesse da autora no estudo de crianças com problemas clínicos e distúrbios comportamentais; 6) *auto-estima global*, que avalia o grau em que a criança gosta de si própria como pessoa, está feliz com a forma como conduz a sua vida, e se sente feliz com aquilo que é. Esta dimensão constitui um juízo global, e não específico, do valor da criança como pessoa, sendo importante com-

pará-la com as dimensões específicas referidas (Harter, 1985). A apresentação dos itens em cada subescala é contrabalanceada, de tal modo que metade deles começa com uma afirmação positiva, reflectindo elevado autoconceito na dimensão avaliada, e a outra metade começa com uma afirmação negativa, reflectindo baixo autoconceito na dimensão avaliada. Por outro lado, os itens pertencentes às mesmas dimensões estão distribuídos pelo instrumento de modo a nunca se apresentarem consecutivamente.

O SPPC destina-se a crianças a partir dos oito anos de idade (3º ano de escolaridade até 6º-7º anos de escolaridade), tendo sido utilizado também com pré-adolescentes até ao 9º ano de escolaridade. Contudo, segundo Harter (1985), a escala não fornece uma visão diferenciada do autoconceito do adolescente, havendo versões mais adaptadas do instrumento para adolescentes (Harter, 1988) e estudantes universitários (Neemann e Harter, 1986).

O formato dos itens apresenta uma estrutura com duas alternativas, ou seja, com duas afirmações por item, tendo o sujeito que escolher em primeiro lugar uma delas. As afirmações apresentadas reflectem dois tipos de crianças, com dois pólos diferentes duma mesma atitude, como por exemplo: «algumas crianças acham difícil fazer amigos» mas «outras crianças acham bastante fácil fazer amigos». Depois de ter escolhido o tipo de crianças com o qual se assemelha mais, o sujeito tem que indicar o grau de acordo com a afirmação escolhida, assinando uma de duas alternativas possíveis: «mais ou menos verdadeiro» e

«mesmo verdadeiro». Neste formato, segundo Harter (1985; 1982), a existência de dois tipos diferentes de pessoas e de duas escolhas possíveis, legitima a possibilidade de escolher qualquer uma delas, esbatendo-se o viés da desejabilidade social<sup>1</sup>.

Cada item é cotado numa escala de 1 a 4, indicando 1 «baixo autoconceito» e 4 «elevado autoconceito» na dimensão avaliada. Os valores são somados para cada subescala, originando assim seis resultados diferentes.

O instrumento pode ser administrado individual ou colectivamente, sendo necessário neste último caso, assegurar-se de que os sujeitos se situam previamente num dos lados do item e só depois assinalam a escolha do grau de acordo com a afirmação escolhida, já que há uma tendência comum para escolherem alternativas em ambos os lados de cada item.

### 1.3. Adaptação do SPPC a pré-adolescentes Portugueses.

O estudo das qualidades psicométricas da escala prosseguiu vários objectivos: 1) garantir a compreensão unívoca dos itens e a sua relevância no contexto Português; 2) avaliar a consistência interna das escalas originais; 3) estudar a estrutura do questionário e o grau de diferenciação das várias escalas; 4) comparar as diferenças de género e de ano de escolaridade para as várias dimensões com os resultados obtidos pela autora no contexto Norte-Americano. Será assim possível tirar conclusões quanto à adequação, consistência interna e validade de constructo da escala adaptada.

*Reflexão falada dos itens.* Após a tradução do instrumento, realizou-se um estudo preliminar de reflexão falada junto de uma pequena amostra de 22 alunos do 5º e 7º anos de escolaridade, de ambos os sexos, com características semelhantes às da amostra a utilizar na fase posterior do estudo de adaptação, de modo a verificar a relevância e significado dos itens no contexto Português. Este estudo prévio permitiu introduzir algumas alterações, nomeadamente no que diz respeito à substituição de algumas palavras, no sentido de uma maior clarificação e adaptação ao contexto cultural Português. O número original de itens foi mantido, embora se tenha alterado a ordem do item 1 que passou a item 8, relacionado com a competência percebida no domínio escolar, para que não houvesse uma associação directa do instrumento com os conteúdos escolares. De um modo geral, o instrumento foi considerado relevante e interessante pelos sujeitos. Foi assim elaborada a versão Portuguesa do SPPC.

Esta versão do SPPC foi administrada colectivamente durante o horário escolar normal, junto de uma amostra de 260 alunos, de escolas preparatórias e secundárias do Porto (tab. 1), com o objectivo de avaliar as qualidades psicométricas do instrumento.

*Estudo da consistência interna dos itens: alpha de Cronbach.* Os valores de *alpha* para as seis escalas da versão Portuguesa foram calculados com base nas escalas originais propostas por Harter e comparados aos valores da versão Norte-Americana (tab. 2). Verifica-se que a versão Portuguesa apresenta valores de *alpha* claramente infe-

Tabela 1.  
Distribuição da amostra por sexo e ano de escolaridade.

	Mulheres	Homens	Total
5º ano	69	67	136
7º anos	65	59	124
	134	126	260

Tabela 2.  
Valores de *alpha* para as várias subescalas do SPPC (versões Portuguesa e Americana).

Subescalas do SPPC	Valores de alpha					
	(versão Portuguesa)	(versão Americana) <sup>a</sup>				
		A	B	C	D	
Competência Escolar	0,69	0,80	0,85	0,82	0,80	
Aceitação Social	0,38	(0,48) <sup>b</sup>	0,80	0,80	0,75	0,75
Competência Atlético	0,66	0,84	0,86	0,81	0,80	
Aparência Física	0,78	0,81	0,82	0,76	0,80	
Conduta/Comportamento	0,73	0,75	0,77	0,73	0,71	
Auto-Estima Global	0,73	0,84	0,80	0,78	0,78	

<sup>a</sup> Os valores apresentados referem-se a quatro amostras: amostra A, com 432 alunos do 6º ano e 316 do 7º; amostra B, com 126 alunos do 6º ano, 122 do 7º e 142 do 8º; amostra C, com 60 alunos do 3º ano, 57 do 4º ano, 56 do 5º e 54 do 6º; amostra D, com 73 alunos do 3º ano, 60 alunos do 4º e 45 do 5º (Harter, 1985).

<sup>b</sup> Escala com 5 itens, após supressão do item 20.

riores aos da versão Americana para algumas escalas, nomeadamente para a de Aceitação Social, que evidencia o valor de *alpha* mais baixo (.38). Este valor é claramente aumentado se retirarmos da escala o item 20: «algumas pessoas da tua idade fazem sempre as coisas juntamente com outros» mas «outras pessoas da tua idade geralmente fazem as coisas por si próprias», passando o valor de *alpha* para .48. As escalas com valores aceitáveis (superiores a .70) são as de Aparência Física, Conduta/Comportamento e Auto-Estima Global. As escalas de Competência Escolar e de Competên-

cia Atlético apresentam valores inferiores embora próximos de .70. Uma análise mais detalhada da escala de Conduta/Comportamento revela que a supressão do item 4: «algumas pessoas da tua idade frequentemente não gostam da maneira como se comportam» mas «outras pessoas da tua idade habitualmente gostam da maneira como se comportam», faz aumentar o *alpha* da escala para .75. Este aumento parece não ser muito importante, para além de o item ser teoricamente relevante. A consistência interna das escalas na versão Portuguesa parece não ter sido totalmente confirmada.

Tabela 3.  
Estrutura factorial do SPCC (versão Portuguesa) após rotação varimax.

Itens	Factores	F1	F2	F3	F4	F5
25.	Fazer bem os trabalhos de casa (E)	.61352				
35.	Comportar-se bem (C)	.60244				
11.	Fazer as coisas certas (C)	.55013				
8.	Ser bom nos trabalhos escolares (E)	.50740				
29.	Fazer o que deve (C)	.47434				
19.	Lembrar-se facilmente do que aprende (E)	.42906				
18.	Estar satisfeito consigo próprio (G)	.42368				
17.	Comportar-se como deve (C)	.41691				
6.	Ser tão esperto como os outros (E)	.36272				
31.	Conseguir responder às perguntas na escola (E)	.36070				
13.	Conseguir fazer os trabalhos de casa depressa (E)	.33790				
7.	Ter muitos amigos (S)	.31108				
32.	Ser conhecido e estimado entre os colegas (S)	.30645				
4.	Gostar da maneira como se comporta (C)	.22296				
16.	Gostar do seu corpo (F)		.65063			
22.	Gostar do seu aspecto físico (F)		.63074			
34.	Ter bom aspecto físico (F)		.58601			
30.	Estar contente por ser como é (G)		.54295			
10.	Estar satisfeito com o seu peso e altura (F)		.53406			
3.	Estar contente com o seu aspecto físico (F)		.51777			
24.	Gostar do tipo de pessoa que é (G)		.38494			
28.	Gostar da sua cara e cabelo tal como são (F)		.36224			
15.	Sair-se bem em desportos novos (A)			.49349		
2.	Ser bom em todos os desportos (A)			.48755		
9.	Achar-se bom em desportos (A)			.47430		
27.	Participar nos jogos e desportos em vez de apenas assistir (A)			.46612		
21.	Ser melhor do que os outros em desportos (A)			.41901		
33.	Ser logo bom em jogos novos (A)				.44661	
14.	Ter os amigos que deseja (S)				.42912	
26.	Achar que os colegas gostam dele (S)				.38153	
36.	Estar satisfeito com a maneira como faz as coisas (G)				.30598	
5.	Estar contente consigo mesmo (G)					.54686
23.	Não se meter em sarilhos (C)					.44696
1.	Ser-lhe fácil fazer amigos (S)					.37659
12.	Gostar da maneira como conduz a sua vida					.35336

C: Conduta/Comportamento; E: Competência Escolar; S: Aceitação Social; G: Auto-Estima Global; F: Aparência Física; A: Competência Atlético.

Tabela 4.  
Matriz de correlações das seis escalas da versão Portuguesa do SPPC para a amostra do 5º ano (acima da diagonal) e para a amostra do 7º ano (abaixo da diagonal).

	Comportamento	Comportamento escolar	Comportamento atlético	Aparência física	Global	Ação social
Comportamento						
Comportamento escolar	.5404 <sup>a</sup>					
Comportamento atlético	.2005	.3606 <sup>a</sup>				
Aparência física	.4094 <sup>a</sup>	.3037 <sup>a</sup>	.3142 <sup>a</sup>			
Global	.5405 <sup>a</sup>	.4979 <sup>a</sup>	.2971 <sup>a</sup>	.5377 <sup>a</sup>		
Ação social	.3293 <sup>a</sup>	.3588 <sup>a</sup>	.3852 <sup>a</sup>	.4149 <sup>a</sup>	.4426 <sup>a</sup>	

<sup>a</sup>  $p < .001$

*Estudo da estrutura factorial da versão Portuguesa.* A análise factorial da escala revela uma estrutura de cinco factores que na sua maioria, são factores mistos, pois incluem itens de diversas dimensões da escala original (tab. 3, pp. 134-35). O Factor 1, que designamos por Adaptação Escolar, apresenta uma mistura de itens das dimensões Competência Escolar, Conduta/Comportamento, Aceitação Social e Global, com prevalência para as escalas de Competência Escolar (6 itens) e de Conduta/Comportamento (5 itens), e explica 60,2 por cento da variância comum dos resultados. O Factor 2, que designamos por Físico, apresenta uma mistura de itens das dimensões Aparência Física e Global, com predominância da dimensão Aparência Física (6 itens), e explica 15,9 por cento da variância comum. O Factor 3, de Competência Atlético; apresenta apenas itens da dimensão de Competência Atlético (5 itens) e explica 10,8 por cento da variância comum. O Factor 4, que designamos de Aceitação Social, apresenta dois itens da dimensão Aceitação Social um de Conduta/Comportamento e outro de Global, e explica 7,2 por cento da variância comum. Contudo, um item relacionado com a dimensão de Aceitação Social (item 20) apresenta uma saturação negativa e fraca (-.20758) no Factor 4. O Factor 5 é designado como de Auto-Estima Global, sendo saturado por dois itens desta dimensão, um de Conduta/Comportamento e outro de Aceitação Social, explicando uma variância comum de 5,9 por cento. A estrutura factorial por nós obtida, assemelhando-se aos resultados obtidos por Harter (1985), com amostras

de sujeitos mais novos, do 3º e 4º anos de escolaridade, em que se verifica o aparecimento de factores que englobam itens de várias dimensões, como por exemplo: Competência Escolar com Aceitação Social e com Conduta/Comportamento, é contudo diferente da estrutura original do SPPC obtida com amostras do 6º, 7º e 8º anos de escolaridade, na qual a diferenciação das diferentes dimensões é mais nítida.

*Estudo das correlações entre as várias dimensões em função do ano de escolaridade.* As correlações entre as várias escalas para o 5º e 7º anos de escolaridade encontram-se na tabela 4. O nível de significância escolhido foi o de  $p < .001$ , mais exigente, devido à dimensão da amostra. De um modo geral, as correlações apresentam-se ligeiramente mais fracas no 5º do que no 7º ano de escolaridade, o que contraria de certa forma os resultados de Harter (1985), que concluiu que as correlações entre as dimensões são mais fortes em amostras de alunos mais novos (3º e 4º anos de escolaridade) do que em amostras de alunos mais velhos (5º ao 8º anos) e de Marsh (1989) que evidencia a diminuição das correlações com a idade. As dimensões de Competência Escolar e de Auto-Estima Global apresentam correlações moderadas com todas as outras dimensões nos dois anos de escolaridade, embora as correlações sejam não significativas com a dimensão de Competência Atlético para o 5º ano. Saliente-se o facto da dimensão de Competência Atlético não estar correlacionada com quase nenhuma dimensão no 5º ano de escolaridade e estar correlacionada com todas as dimensões excepto a de Conduta/Com-

Tabela 5.  
Análise de variância das escalas da versão Portuguesa do SPPC: valores de F, P e Teste de Scheffé para as diferenças significativas.

	Sexo			Ano		
	F	P	Scheffé	F	P	Scheffé
Competência Escolar	--	--	--	10.484	<.001	5 <sup>o</sup> >7 <sup>o</sup>
Competência Atlético	10.750	<.001	M>F	26.456	<.001	5 <sup>o</sup> >7 <sup>o</sup>
Aparência Física	--	--	--	19.963	<.001	5 <sup>o</sup> >7 <sup>o</sup>
Conduta/Comportamento	15.134	<.001	F>M	7.509	<.007	5 <sup>o</sup> >7 <sup>o</sup>
Auto-Estima Global	--	--	--	15.496	<.001	5 <sup>o</sup> >7 <sup>o</sup>

Tabela 6.  
Médias e desvios-padrão para as dimensões de Competência Atlético e Competência Escolar em função do sexo e do ano.

	Competência Atlético				Competência Escolar			
	Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.	Média	D.P.
5 <sup>o</sup>	14.97	4.062	17.34	3.501	15.88	3.991	16.24	3.758
7 <sup>o</sup>	13.63	3.612	14.07	2.894	15.45	3.649	13.64	3.236

portamento no 7<sup>o</sup> ano. A dimensão de Aparência Física apresenta correlações moderadas com todas as restantes dimensões para os dois anos de escolaridade. A dimensão Conduta/Comportamento apresenta correlações mais elevadas com todas as outras dimensões no 7<sup>o</sup> ano em comparação com o 5<sup>o</sup> ano. A dimensão de Aceitação Social apresenta correlações moderadas com todas as outras, sendo contudo mais fracas no 5<sup>o</sup> ano. As correlações moderadas evidenciadas entre as várias dimensões demonstram a íntima relação entre as várias facetas do conceito de si próprio nesta idade.

*Estudos diferenciados em função do género e do ano de escolaridade.* O estudo das diferenças nas várias dimensões da

escala, em função do género (tab. 5), demonstram que os rapazes se percebem como mais competentes no domínio da competência atlética do que as raparigas, confirmando os resultados de Harter (1985) e de outros estudos no domínio (Marsh, 1989; Marsh, Barnes, Cairns e Tidman, 1984; Marsh, Relich e Smith, 1983). As raparigas percebem-se como mais bem-comportadas do que os rapazes, confirmando também os resultados de Harter (1985). No que se refere às diferenças de ano de escolaridade (tab. 5), de um modo geral, os sujeitos do 5<sup>o</sup> ano percebem-se como mais competentes do que os do 7<sup>o</sup> ano em todos os domínios em que há diferenças significativas (cinco domínios). O decréscimo dos resultados com o ano de escolaridade con-

firma os resultados de Harter (1985). Existem efeitos de interacção entre o sexo e o ano de escolaridade apenas para as dimensões de Competência Escolar ( $F=5,550$ ;  $p<.02$ ;  $GL=3$ ), apresentando os rapazes do 5<sup>o</sup> os valores mais elevados de Competência Escolar e os rapazes do 7<sup>o</sup> os valores mais baixos, e de Competência Atlético ( $F=4,774$ ;  $p<.03$ ;  $GL=3$ ), apresentando os rapazes do 5<sup>o</sup> ano os valores mais elevados de Competência Atlético e as raparigas do 7<sup>o</sup> ano os valores mais baixos (ver tab. 6).

## 2. Discussão.

Os resultados do estudo da consistência interna das escalas da versão Portuguesa do SPPC, através do coeficiente *alpha* de Cronbach, demonstram que algumas escalas apresentam valores inferiores aos de Harter (1985) e também inferiores aos limites considerados aceitáveis para poder servir de base à comparação de grupos. Uma das escalas com valor mais baixo de *alpha*, a de Aceitação Social, melhora substancialmente após supressão do item 20. A elevada heterogeneidade deste item na dimensão avaliada é confirmada pelos resultados da análise factorial: trata-se do único item com saturação fraca e negativa num factor (F4). Este fenómeno poderia ser devido ao facto de a interpretação deste item não ser unívoca nesta idade. Além disso, os itens de Aceitação Social saturam factores distintos. A falta de homogeneidade evidenciada pelas várias escalas pode reflectir a maior instabilidade das várias facetas do auto-

conceito nesta idade e a sua maior variabilidade com as situações. As escalas com maior consistência interna (superior a .70) são as de Aparência Física, Conduta/Comportamento e Auto-Estima Global, reflectindo talvez a maior coerência destas dimensões no autoconceito dos pré-adolescentes.

Os resultados da análise factorial confirmam a fraca consistência interna, porque os diferentes itens duma escala não são percebidos como reflectindo uma dimensão unitária. Revelam uma estrutura de factores mistos, reflectindo o menor grau de diferenciação do autoconceito nesta idade. As dimensões de Competência Escolar e Conduta/Comportamento apresentam-se misturadas no Factor 1, e a dimensão de Auto-Estima Global apresenta itens disseminados por vários factores (Factores 1, 2, 4 e 5), comprovando deste modo os resultados de Harter (1985). Esta afirma que a dimensão de Auto-Estima Global, porque estabelece relações com todas as outras, nunca se apresentará como uma dimensão totalmente diferenciada, facto que foi comprovado pelos nossos resultados. O Factor 2, o segundo mais importante, apresenta predominância de itens da dimensão Aparência Física e o Factor 3 apresenta apenas itens da dimensão Competência Atlético. As dimensões Conduta/Comportamento, Competência Escolar, Aparência Física e Competência Atlético constituem-se como as mais importantes no conceito de si próprio dos pré-adolescentes Portugueses (explicam 86,9 por cento da variância comum) o que confirma resultados doutros estudos.

O estudo das correlações entre as várias dimensões evidencia relações moderadas entre elas, nomeadamente a relação da Competência Escolar, Aparência Física, Auto-Estima Global e Conduta/Comportamento com todas as outras. A dimensão Competência Escolar parece particularmente determinante para o autoconceito dos pré-adolescentes, facto que tem a ver com o estágio de desenvolvimento da identidade em que se encontram os nossos sujeitos. Segundo Erikson (1968), na fase de indústria vs inferioridade há um investimento particular nas tarefas escolares, que requer uma avaliação de si próprio como pessoa trabalhadora, afectando todas as outras dimensões da vida do sujeito: sentir-se competente na escola parece estar relacionado, para os nossos sujeitos, com a percepção de aceitação pelos pares, com a aparência física, com o comportamento e com o bem-estar global. Por outro lado, a relação da Aparência Física com a Aceitação Social e a Auto-Estima Global parece demonstrar que esta dimensão física do conceito de si próprio contribui para a facilitação das relações com os pares e para o bem-estar geral. Estes resultados corroboram os de Harter (1985). As correlações moderadas entre a Auto-Estima Global e todas as outras dimensões (com a excepção da relação com a Competência Atlética no 5º ano), demonstram que a Auto-Estima Global, apesar de não ser o somatório de todas as dimensões, exige a elaboração de uma síntese pessoal de todas as outras dimensões do conceito de si próprio (Faria e Fontaine, 1992). As relações moderadas entre a dimensão de Aparência Física e as outras de-

monstram a importância da percepção de atractividade física nesta idade para o conceito de si próprio nas suas múltiplas facetas.

Os resultados do estudo das diferenças em função do género e do ano de escolaridade, corroboram os resultados de Harter (1985) e de outros estudos de domínio, apoiando a validade de constructo da escala. Os rapazes tradicionalmente apresentam valores mais elevados no domínio da Competência Atlética, tendo-se verificado este resultado no nosso estudo. As raparigas são habitualmente percebidas como mais bem comportadas do que os rapazes. Parece haver congruência entre a percepção que os outros significativos têm delas, e lhes transmitem, e a sua própria percepção pessoal: as raparigas do nosso estudo percebem-se como mais bem-comportadas do que os rapazes. Os resultados diferenciais, em função do ano de escolaridade, demonstram que os sujeitos do 5º ano se percebem como mais competentes em cinco de seis domínios do conceito de si próprio do que os sujeitos do 7º ano, tendo uma imagem mais positiva e global de si próprios. O decréscimo dos resultados com a idade parece reflectir um aumento do realismo na percepção de si mesmo. Os rapazes parecem evidenciar uma influência maior deste realismo (partem de níveis iniciais mais elevados) ao apresentar valores significativamente mais baixos na Competência Escolar e na Competência Atlética no 7º ano do que no 5º ano (ver tab. 6).

### 3. Conclusão.

Apesar das escalas da versão Portuguesa do SPPC não se apresentarem claramente distintas, como nos estudos de Harter (1985), a mistura de itens de várias dimensões e as relações moderadas que estabelecem entre si, parecem ter explicação à luz do período de desenvolvimento que o pré-adolescente atravessa. Os baixos valores de consistência interna das diferentes escalas reflectem também a menor estruturação das várias facetas do conceito de si próprio, característica deste período de desenvolvimento. Contudo, os resultados dos estudos diferenciais apoiam a validade de constructo da escala, nomeadamente as diferenças de género e o realismo crescente na percepção de si mesmo com a idade. Deste modo, parece-nos importante prosseguir os estudos neste domínio, utilizando a escala, já que as suas dimensões parecem altamente relevantes nesta fase do ciclo de vida.

<sup>1</sup> Segue-se o exemplo de um item do instrumento «Algumas pessoas da tua idade estão contentes com o seu aspecto físico», mas «Outras pessoas da tua idade não estão contentes com o seu aspecto físico».

### Referências.

- Coopersmith, S. (1967), *The antecedents of self-esteem*, W. H. Freeman, San Francisco.
- Erikson, E. H. (1968), *Identity: Youth and Crisis*, Norton, New York.

- Faria, L, e Fontaine, A. M. (1992), «Estudo de adaptação do *Self Description Questionnaire III* (SDQ III) a estudantes universitários Portugueses», in *Psicologica*, 8: 41-49
- (1990), «Avaliação do conceito de si próprio de adolescentes: Adaptação do SDQ I de Marsh à população Portuguesa», in *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6: 97-105.
- Fontaine, A. M. (1991), «O conceito de si próprio no ensino secundário: Processo de desenvolvimento diferencial», in *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7: 33-54.
- Harter, S. (1979), *Manual: Perceived Competence Scale for Children*, University of Denver.
- (1982), «The perceived competence scale for children», in *Child Development*, 53: 87-97.
- (1983), «Developmental perspectives on the self-system», in E. M. Hetherington (ed.), *Handbook of Child Psychology: Socialization, personality and social development*, Wilcy, Nova Iorque, pp. 275-385.
- (1984), «Competence as a dimension of self-evaluation: Toward a comprehensive model of self-worth», in R. Leahy (ed.), *The Development of the Self*, Academic Press, Nova Iorque, pp. 55-122.
- (1988a), *Manual for the Self-Perception Profile for Adolescents*, University of Denver.
- (1985a), «Processes underlying the construction, maintenance, and enhancement of the self-concept in children», in J. Suls, e A. Greenwald (eds.), *Psychological Perspectives on the Self*, vol. 3, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, New Jersey.
- (1985b), *Manual: Self-Perception Profile for Children*, University of Denver.
- (1988b), «Developmental processes in the construction of the self», in T. D.

- Yawkey, e J. E. Johnson (eds.), *Integrative Processes and Socialization: Early to middle childhood*, Erlbaum, Hillsdale, pp. 45-78.
- Marsh, H. W. (1984), «Relations among dimensions of self-attribution, dimensions of self-concept and academic achievements», in *Journal of Educational Psychology*, 76: 1291-1308.
- (1986), «Global self-esteem, its relation to specific facets of self-concept and their importance», in *Journal of Personality and Social Psychology*, 51: 1224-36.
- (1988), *The Self Description Questionnaire (SDQ): A theoretical and empirical basis for the measurement of multiple dimensions of preadolescent self-concept: A test manual and a research monograph*, The Psychological Corporation, San Antonio, TX.
- (1989), «Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: Preadolescence to early adulthood», in *Journal of Educational Psychology*, 81: 417-30.
- Marsh, H. W.; Barnes, J.; Cairns, L., e Tidman, M. (1984), «The Self-Description Questionnaire (SDQ): Age effects in the structure and level of self-concept for preadolescent children», in *Journal of Educational Psychology*, 76: 940-56.
- Marsh, H. W., e O'Niell, R. (1984), «Self Description Questionnaire III (SDQ III): The construct validity of multidimensional self-concept ratings by late-adolescents», in *Journal of Educational Measurement*, 21: 153-74.
- Marsh, H. W.; Relich, J. D., e Smith, I. D. (1983), «Self-concept: The construct validity of interpretations based upon the SDQ», in *Journal of Personality and Social Psychology*, 45: 173-87.
- Messer, B., e Harter, S. (1986), *Manual: -Adult Self-Perception Profile*, University of Denver.
- Neemann, J., e Harter, S. (1986), *Manual for the Self-Perception Profile for College Students*, University of Denver.
- Piers, E. V., e Harris, D. B. (1964), «Age and other correlates of self-concept in children», in *Journal of Educational Psychology*, 55: 91-95.
- Shavelson, R. J.; Hubner, J. J., e Stanton, J. C. (1976), «Self-concept: Validation of construct interpretations», in *Review of Educational Research*, 46: 407-41.

Abstract. — This study presents the adaptation to Portuguese children and early adolescents (3<sup>rd</sup> to 7<sup>th</sup> grade) of a multidimensional self-concept instrument designed by Harter (1985; 1979), tapping six domains of self-concept (self-competence and self-adequacy): scholastic competence, social acceptance, athletic competence, physical appearance, behavioral conduct and global self-worth. The Portuguese version presents lower internal consistency reliabilities, evaluated by Cronbach's *alpha*, than the original one, evidencing the unstability of self-concept dimensions during this age. The results of the factorial analysis and of the correlational studies among the several dimensions evidenced a low differentiation of the several self-concept areas during childhood and early adolescence. The results of differential studies showed that girls see themselves as better behaved than boys and that boys see themselves as more athletically competent than girls, and also that 5<sup>th</sup> graders see themselves as more competent in five domains of self-concept than 7<sup>th</sup> graders. These results support the construct validity of the scale.

† A correspondência referente a este artigo deve ser enviada para: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua das Taipas, 4000 Porto, Portugal.